

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

**O EDUCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA
HUMANIZADORA¹**
**EDUCATING IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION FROM A HUMANIZING
PERSPECTIVE**

**Anelise De Oliveira Rodrigues², Hedi Maria Luft³, Walter Frantz⁴, Adão
Eurides De Souza Filho⁵**

¹ Esta pesquisa foi constituída, a partir de um relato de experiência, e foi desenvolvida a partir de uma abordagem da disciplina de Planejamento Participativo Como Estratégia de Apoio Pedagógico em Processos Educativos, do curso de Mestrado, do Programa de Pós-Graduação de Educação nas Ciências- PPGE

² Mestranda em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências- UNIJUI. Vinculada ao Grupo de Pesquisa Educação Popular e Grupo de Estudo Paulo Freire- Bolsista CNPq. Professora da Rede Municipal de Ensino de Santa Rosa.

³ Doutora em Educação pela Unisinos. Professora da UNIJUI- Departamento Humanidades e Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências. Coordenadora do Grupo de Estudos Paulo Freire e vinculada ao Grupo de Estudo Educação Popular- Professora da rede Municipal de Ensino de Santa Rosa.

⁴ Professor do Departamento de Ciências Jurídicas e Sociais e do Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências, da UNIJUI. Doutorado em Ciências Educativas, na Universidade de Münster (WWU), Alemanha; Pós-doutorado na UNISINOS, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais.

⁵ Mestrando em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUI. adamfilho@hotmail.com.

Resumo:

Este trabalho é um convite à reflexão sobre as práticas educativas em contextos populares e um desafio para construir um olhar diferenciado, provocado pela generosidade autêntica, humanista, capaz de compreender esta realidade. Constitui-se de um relato de experiência, a qual foi vivenciada em uma Escola de Educação Infantil mantida por uma Organização da Sociedade Civil- OSC, no município de Santa Rosa/RS. Tem por objetivo investigar ações e relações estabelecidas em ambiente escolar, através de uma perspectiva humanizadora referenciada na pedagogia de Paulo Freire. A humanização é um processo construído, portanto requer práticas que favorecem a sua constituição.

Abstract:

This work is an invitation to reflect on educational practices in popular contexts and a challenge to build a differentiated view, provoked by authentic, humanistic generosity, able to understand this reality. It is a report of experience, which was experienced in a School of Early Childhood

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

Education maintained by a Civil Society Organization-OSC, in the city of Santa Rosa / RS. It aims to investigate actions and relationships established in a school environment, through a humanizing perspective referenced in the pedagogy of Paulo Freire. Humanization is a constructed process, so it requires practices that favor its constitution

Palavras-chave: Humanização. Educação Popular. Diálogo.

Keywords: Humanization. Popular Education. Dialogue.

INTRODUÇÃO

Este texto constitui-se de um relato de experiência, e, foi escrito a partir de uma abordagem da disciplina de Planejamento Participativo Como Estratégia de Apoio Pedagógico em Processos Educativos, do curso de Mestrado, do Programa de Pós-Graduação de Educação nas Ciências-PPGEC, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul- UNIJUI. Apresentamos problematização a respeito da docência em contextos populares, em especial na relação educador x crianças, pensando em uma proposta pedagógica capaz de compreender os sujeitos dentro de suas realidades, vulnerabilidades, pluralidades e especificidades. Estes sujeitos, antes de serem reconhecidos como alunos, precisam ser entendidos como crianças, como seres humanos, que trazem consigo, para dentro da sala de aula, uma bagagem histórica, cultural, que muitas vezes oprimem e roubam a infância e a dignidade.

O estudo analisa uma situação específica, vivenciada por um dos pesquisadores no exercício da docência, em uma escola de Educação Infantil, mantida por uma Organização da Sociedade Civil-OSC, no município de Santa Rosa/RS. O relato foi elaborado a partir da metodologia de sistematização de experiências, ou seja, destaca cinco os passos definidos por Holliday (2006, p.72): o ponto de partida, as perguntas iniciais, recuperação do processo vivido, a reflexão de fundo, os pontos de chegada. Tem por objetivo compartilhar e analisar práticas desenvolvidas em contexto de educação popular, sobre a percepção de uma pedagogia humanizadora referenciada na pedagogia de Paulo Freire. Esta pedagogia compreende a criança como um sujeito histórico e de direitos, e, preocupa-se com seu processo de desenvolvimento de forma integral, englobando aspectos cognitivos, sociais, culturais, emocionais, através de uma proposta que defende uma aprendizagem significativa, relacionada com a vida e com o contexto do educando, considera a realidade, valoriza a autonomia, à curiosidade, a esperança, em oposição uma educação bancária, opressora e desumanizadora.

Nesta perspectiva, a relação educador x crianças, deixa de ser uma relação vertical e de imposição, para ser a construção de crescimento coletivo, participativo, onde a criança é ouvida e acolhida. Desta forma, este trabalho nos desafia a pensar à docência no contexto da Educação Infantil, a partir de práticas pedagógicas que humanizam a infância, que superem a visão tradicional de autoritarismo, tendo maior sensibilidade, um olhar mais democrático, excedendo a racionalidade técnica e investindo em um processo de aprendizagem que dialoga com as vivências e experiências dos sujeitos, que provoca desejo de mudança, de superação e de transformação da

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

realidade.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para construção deste estudo compreende uma abordagem qualitativa, tendo como método a sistematização de experiências. Optou-se por este tipo de pesquisa devido à necessidade de refletir sobre experiências adquiridas, com vistas a produzir possibilidades de novos olhares, novas concepções, novas aprendizagens, capazes de promover ações positivas e transformadoras. Constatamos a importância da sistematização no processo de formação, pois, sistematizando nossas práticas, aprendemos e ensinamos com elas e a partir delas.

A sistematização é aquela interpretação crítica de uma ou várias experiências que, a partir de seu ordenamento e reconstrução descobre ou explicita a lógica do processo vivido, os fatores que intervieram no dito processo, como se relacionaram entre si e porque o fazem desse modo (HOLLIDAY, 2006, p.24).

Desta forma, o relato de experiência construído tem como base a prática docente de um dos pesquisadores, com atuação em uma instituição de Educação Infantil, de caráter filantrópico, mantida por uma Organização da Sociedade Civil- OSC, do município de Santa Rosa/RS, mais especificamente na turma da Pré-escola de Nível II, que abrange crianças na faixa etária dos 05 anos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

O conceito de educação popular está intrinsecamente ligado a Paulo Freire. A ele pertence o mérito histórico sobre esta dimensão, que veio marcar o pensamento pedagógico, pois, a partir de suas reflexões sobre uma pedagogia do oprimido, que exige postura singular frente à realidade do povo, que compreende humildade, escuta respeito, confiança, mas também, postura crítica, dialógica e consciente, ele vai provocar novas formas de pensar e ver a educação, onde teoria e práxis, carregam-se de otimismo, de esperança, conduzindo a uma proposta libertadora, que confere, antes de tudo, dignidade aos sujeitos, e implica, em mudar para ser mais.

É preciso que a educação esteja - em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos - adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens, relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história [...] uma educação que liberte, que não adapte, domestique ou subjugue (FREIRE, 2006, p. 45).

A proposta de Freire está ancorada em sua própria experiência, enquanto educador popular no Brasil. Origina-se do grito dos oprimidos, da luta por sobrevivência e por direitos. Pressupõe o reconhecimento e a valorização dos saberes do povo, da sua realidade e sugere o engajamento dos sujeitos na luta por transformação social. Em suma, a educação popular, defendida por Freire,

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

define-se como a educação feita com o povo, respeitando e interagindo com a sua realidade social, econômica e cultural.

Conscientes de que Paulo Freire não teve a infância como objeto central de seus estudos, tentaremos nas linhas que seguem, estabelecer um paralelo entre suas concepções e uma narrativa de experiência docente em um contexto de Educação Infantil, pois, não há dúvida quanto a suas contribuições aos processos educativos em geral, processos que se dão com seres humanos, sejam pessoas adultas ou não, homens ou mulheres. A partir de Freire, pensaremos a pedagogia de uma infância oprimida.

Narrativa de Experiência Docente em Diálogo com as Concepções Freireana

Para Freire (2016, p.33) “não é possível fazer uma reflexão sobre o que é educação, sem refletir sobre o próprio homem”. Assim, temos que nos perguntar: de quem estamos falando? De que lugar? Em que situação? Com que objetivo? Dessa forma, a narrativa que segue, constitui-se de relato de um dos pesquisadores no exercício da prática docente.

O primeiro semestre do ano letivo estava em andamento. A professora era nova no contexto escolar. O nome dele era Miguel[1]. Impossível esquecer estava lá, estava sempre lá. Em todas as reuniões pedagógicas, reuniões de formação, no conselho de classe, às vezes até nos corredores, sempre alguém estava falando dele. Desinteressado, relapso, negligente, irônico, mal-educado, indisciplinado, agressivo, inquieto, insuportável, estes são alguns atributos que eram atribuídos a ele, um menino de cinco anos, olhos de jabuticaba, arregalados e sempre curiosos a tudo em seu entorno. Não foram poucas às vezes que o menino fora encaminhado à direção para tratar de questões disciplinares. Também em diversos momentos me deparei com o Miguel sentado na tal cadeirinha do pensamento, indiferente a tudo, às vezes cantarolando, ou ainda, de lá mesmo provocando algum colega ou até mesmo a professora. Em outras ocasiões recebia sanções como ser privado de alguma atividade, em decorrência de não ter cumprido as regras de convivência estabelecidas pela turma. Desafiava a tudo e a todos! Muitas vezes, frente às atividades propostas pela professora, ele gritava: “Eu odeio fazer isto!” Amassava o papel, atirava no chão e pisava em cima. Esmagava o giz de cera, comia a massinha de modelar, ameaçava os colegas com a tesoura, destruía brinquedos, proferia palavras ofensivas, tinha um vocabulário não adequado ao contexto e a faixa etária (RODRIGUES e LUFT, 2018, p. 1324).

Para Freire (1996, p.87), a rebeldia pode configurar-se como a necessidade de afirmação diante das injustiças, o que, nos leva a pensar os motivos, as causas desta inquietude. O que representa e constitui a agressividade manifesta? As crianças, principalmente em contextos populares de

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

Educação Infantil, trazem consigo as mazelas que são submetidas, e isto, se refletem em seus corpos, em suas atitudes, na forma de se comportar e de agir. Muitas vezes, esta reação é compreendida pelo educador como insolência ou até, como problema de ordem mental, tachadas como doentes, com distúrbios e deficiências.

Segue a narrativa:

Os pais eram separados. Ele morava junto com a mãe na casa dos avós, em uma periferia de extrema vulnerabilidade social (a localidade em questão é conhecida no município por ser reduto de casas de prostituição e pontos de venda de drogas). A mãe já havia sido notificada diversas vezes, pelo conselho tutelar, por negligência. O pai não era presente. As poucas vezes que foram chamados na escola reagiram procurando culpados, ou punindo a criança com castigos físicos de extrema agressividade. Um dia, a professora extremamente cansada, e visivelmente sem controle da situação, proferiu as seguintes palavras: “Eu desisto! Este menino não tem mais jeito! Não aprende nada! Não sabe nada! Só atrapalha as aulas! Daqui a pouco ele vai bater na minha cara!” Miguel era apenas um menino e já não se via mais esperança para ele, aos olhos daquela que deveria lhe apontar caminhos (RODRIGUES e LUFT, 2018, p. 1327).

No trecho acima, podemos perceber as fragilidades vivenciadas pela criança, as condições precárias de moradia, exposição à violência, omissão familiar, situações que são rotineiras na vida de muitas pessoas na conjuntura atual. Cabem aqui algumas interrogações: O comportamento desta criança, não seria uma resposta que ela encontra, diante das circunstâncias, para sobreviver? Não seria um grito reprimido diante de todos os direitos que lhe são negados? Que alternativa esta criança tem? Que outras possibilidades lhe foram oferecidas? Ele estava rotulado como problema, fadado ao fracasso, na linguagem da professora simplesmente não aprendia. Simplesmente não tinha mais jeito

A reação da professora, também é muito comumente vista em práticas educativas pautadas em uma educação bancária, fundamentada em pressupostos tradicionais, carregada de desilusão, de descrença, reproduzindo mecanicamente a sociedade. Em uma pedagogia humanizadora, cada criança é considerada dentro de sua realidade, cada sujeito é único, ao mesmo tempo em que a diversidade deve ser considerada. Em uma proposta pedagógica humanizadora, não há lugar para concepções positivistas, moralistas, que rotulam, discriminam e desumanizam. Ensinar nesta perspectiva exige a “convicção de que a mudança é possível” (FREIRE, 1996, p.85), exige uma visão utópica, exige esperança.

O educador comprometido com esta proposta, não pode deixar de acreditar, não pode deixar de sonhar. “A educação sem esperança não é educação. Quem não tem esperança na educação [...] deverá procurar trabalho em outro lugar” (FREIRE, 2016, p. 37). Se não mantivermos a

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

esperança, de que vale o nosso trabalho? Qual é nossa função? Se não acreditarmos, todas nossas ações terão sido inúteis.

Ainda, de acordo com o relato da pesquisadora:

Enquanto parte da equipe multidisciplinar da escola em questão, propus que estudássemos o menino mais de perto, incluímos a professora neste trabalho. O trabalho envolveu investigação da realidade da criança, e apresentou o contexto descrito acima. Visitamos o local. A professora começou a entender o porquê da linguagem utilizada por ele, o porquê Miguel proferia palavras rudes, cruéis. Na cultura dele era comum se relacionar desta forma. Bem em frente à sua casa, havia uma casa de prostituição, onde brigas constantes eram protagonizadas, pessoas embriagadas, seminuas, tudo sendo assistido pela criança. Diante das evidências de negligência familiar, do histórico de maus tratos junto ao conselho tutelar, a professora começou a entender porque em determinados momentos ele reagia com violência. Nas abordagens individuais, a criança revelou que se sentia injustiçada, que a professora não o ouvia. Em alguns relatos defendia, que as vezes não tinha sido o autor da peripécia, porém todos o acusavam. Também se demonstrava incomodado pela professora falar com ele de forma agressiva, utilizando-se de gritos muitas vezes. A professora ao tomar consciência das declarações do Miguel passou a prestar mais atenção e percebeu que realmente, nem sempre ele era o protagonista de uma determinada ação, porém os colegas o incriminavam. Passou a ouvi-lo mais. Mudou o tom de voz (RODRIGUES e LUFT, 2018, p. 1328).

Segundo Freire (1987), a educação não é neutra, ela está a serviço ou dos opressores ou dos oprimidos, exercendo poder para humanizar ou provocar a desumanização. Desta forma, uma pedagogia humanizadora é compreendida como aquela que nos ajuda a encontrar juntamente com o sujeito oprimido, uma forma diferente de educar. Ela é resultado de um profundo respeito e amor pela criança e visa tornar o sujeito protagonista de sua própria história. O educador precisa conhecer o seu aluno, sua realidade, suas dificuldades, para então, se tornar um, dos agentes responsáveis pelo processo de transformação. Uma pedagogia humanizadora, propõe ao educador desconstruir-se, para depois construir de novo, provoca reflexão sobre práticas inseridas em contextos de educação, que permeiam o trabalho docente e que reforçam as desigualdades, as injustiças e extinguem a equidade.

Esta proposta nos faz pensar sobre como se estabelecem as relações entre professores e alunos, e nos remete a velha ideologia de uma escola tradicional, onde alunos devem passivamente aprender, preferencialmente sentados, dóceis, sem questionar, sem falar, sem viver, deixando de ser a criança que são, para tornarem-se em pequenos robôs que serão massivamente treinados por seus professores, os donos da verdade, através de uma educação despótica e repressiva, onde

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

qualquer movimento contraditório, é tido como mau comportamento.

Você, eu, um sem-número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um que fazer educativo em si mesmo. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos (FREIRE, 1991, p. 126).

Em uma perspectiva pedagógica humanizadora, a conscientização da realidade caracteriza-se como primeiro passo, mas não pode ficar só nisto, a humanização não pode se dar apenas através do palavrório (FREIRE, 2016, p. 22), o educador precisa engajar-se com afinco para que se efetive a mudança. Conforme o relato:

O grupo instituiu estudos e pesquisas, fundamentados em Freire, sobre conceitos que permeiam uma proposta humanizadora. Conceitos como amorosidade, dialogicidade, respeito e esperança passaram a ser abordados. A professora passou a implicar-se mais em acolher, estabeleceu um olhar diferenciado sobre a realidade do menino. Intensificamos o acompanhamento individual, passamos a estimular a criança com diferentes abordagens metodológicas, sempre interpostas de ludicidade, e, de muita dialogicidade, demonstrando respeito à criança, olhando nos olhos, demonstrando confiança, demonstrando acreditar nela, demonstrando fé, incentivando para que ela se sentisse capaz, para que ela superasse os estereótipos aos quais estava associada. Logo no início das atividades, ele relutou, dizia que não sabia, rabiscava qualquer coisa rapidamente no intuito de devolver a folha, tentando comprovar a tese de que era um caso perdido, pois fora assim, que durante algum tempo, muitas pessoas o viam, era nisto que estas pessoas o fizeram acreditar (RODRIGUES e LUFT, 2018, p.1329).

Sobre isto, Freire destaca:

De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua incapacidade (1987, p. 50).

Uma pedagogia humanizadora sugere que as demandas, os interesses e as lutas dos oprimidos sejam considerados como base fundamental, no processo educativo, para que se dê a construção do conhecimento. Não um conhecimento fragmentado, mecânico, artificial, mas significativo à vida e ao contexto social. O processo de humanização acontece efetivamente quando articulado, através de práticas problematizadoras, dialógicas, emancipadoras, críticas, éticas e, sobretudo, de

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

relações carregadas de sentido humano, vinculadas ao respeito e a amorosidade entre educador e educando. E, assim, instigar a busca por dignidade e pela recuperação da humanidade roubada diante das vulnerabilidades, das precariedades, do descaso por muitos vivenciado.

Um fato que marcou, é que ele resistia em aprender o próprio nome. Não queria aprender nada relacionado a isto. O nome constituía a história de vida dele, e para mim ficava clara a tentativa de fugir de sua realidade. As afirmações que seguem tornaram-se comuns no trato com o menino: “eu sei que você sabe! Você é capaz! Eu não vou desistir de você! ”. Então, começamos a ver os objetivos pré-definidos serem alcançados, vagarosa, mas lindamente, em um processo de descoberta, da criança, da professora, de uma equipe. Um dia ele chegou a escola sorridente, disse que queria falar comigo e foi logo falando a letra do seu nome: “M é M a letra do meu nome é M”! Os olhos dele brilhavam! Ousei perguntar: como você descobriu tudo isto? Ao que ele respondeu: “Eu sempre soube! Eu falo para dentro, de um jeito que só eu posso ouvir”! (Aqui ele quis dizer... eu penso). “Quando eu chego em casa eu deito na minha cama e digo para dentro M, é M. Agora eu sei que vou saber para sempre que é M”! Pedi que ele escrevesse seu nome em uma folha, ao que ele respondeu com muita facilidade. Então, saiu da minha sala radiante, contava para todos, colegas, professora, funcionários, estava feliz porque sabia a letra do seu nome (RODRIGUES e LUFT, 2018, p. 1330).

A criança referendada na experiência demonstrou que, a forma que ela reagia era reflexo da situação de dificuldades e desumanidades por ela vivenciada. A prática da professora intensificava esta reação. É muito fácil julgar e condenar a criança do lado de dentro de uma redoma, sem compreender seu contexto, as marcas que esta criança carrega. Ela precisava aprender conhecer esta realidade, se colocar no lugar do outro, precisava entendê-lo sobre uma nova dimensão, menos generalizada e mais autêntica.

Transcorrido alguns dias, a professora do Miguel me procurou, com uma atividade em punho, queria mostrar a produção que ele acabara de fazer. Ela havia instigado a todos que reproduzissem através de desenho a atividade que mais gostavam de fazer na escola. Muitos desenhos retrataram brincadeiras, brinquedos, pátio e na folha de Miguel surpreendentemente tinha o desenho de um menino sentado realizando atividade. Sim, o mesmo menino que antes, sempre que era proposto uma atividade, rasgava as folhas, jogava no chão e gritava: “Eu odeio isto! ”. Quando terminou o ano letivo, Miguel presenteou a professora com um cartão, onde ele havia desenhado uma bailarina, abraçou ela e disse: “ Tu és a minha bailarina”! Sim, o mesmo menino que ela temia que iria “bater em sua cara”. O episódio foi relatado pela professora, em

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

uma reunião pedagógica, com os olhos lacrimejados, seguido de um discurso que envolvia superar preconceitos, ver cada criança diante de sua realidade, com suas especificidades, educar com humanidade (RODRIGUES e LUFT, 2018, p. 1330).

Figura 1- Desenho da criança para sua professora



Fonte: Arquivo pessoal da professora

Andreola (2000) afirma que o conceito de amorosidade defendido por Freire não compreende um sentimentalismo vazio, um amor romantizado, mas uma exigência ética, um amor que liberta, constituindo-se como compromisso entre os seres humanos. Não significa infantilizar ou docilizar a educação. Em uma pedagogia humanizadora elementos como a amorosidade e a dialogicidade serão evidenciados por meio da seriedade no planejamento, no empenho pela aprendizagem efetiva, na afirmação de vínculos afetivos permeados pelo equilíbrio entre sentimentalismo x racionalismo docente, onde todos se reconheçam e sejam reconhecidos.

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse rigor em que se gera a

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

necessária disciplina intelectual (FREIRE, 1996, p. 146).

A proposta de educação humanizadora ancorada em práticas educativas participativas contribui para superar os processos de desumanização. É uma proposta de educação que requer princípios solidários, justos, verdadeiramente humanizadores, requer amorosidade, requer relações de respeito e tem como principal tarefa despertar a consciência a quem é negado “ser mais”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Uma proposta pedagógica humanizadora propõe uma educação transformadora, permeada por esperança de um futuro diferente do fatalista, acredita nos seres humanos, em seu poder de mudança e instiga a libertação das opressões, causadas pelas injustiças sociais, que provocam desigualdades e a marginalização dos sujeitos. No leva a refletir sobre o papel da educação, conscientes de que ela não pode ser neutra, pois, está a serviço da opressão ou da libertação. De que lado estaremos?

A Pedagogia Humanizadora baseada no discurso apaixonado e dialógico de Freire, nos confere consciência de que somos seres inconclusos, inacabados, e, por isto com vocação para ser mais, para continuarmos em nosso processo de busca, de luta, como protagonistas no enredo de nossa própria história. Nesta proposta não há espaço para os “donos do saber”, não há espaço para os reacionários, para os que querem silenciar as vozes... E, não há espaço para o medo, para a coerção, esta proposta objetiva a restituição da humanidade roubada, da dignidade, e, principalmente, objetiva a libertação dos sujeitos. Essa proposta é significativa porque instiga mudanças no âmbito da educação, em especial, ao que tange à educação das infâncias.

REFERÊNCIAS

ANDREOLA, Balduino Antonio. Carta-prefácio a Paulo Freire. In: Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. A Educação na cidade. São Paulo: Cortez; 1991.

_____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São

Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. Conscientização: Teoria e prática da libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3ª ed.; São Paulo: Centauro, 2006.

_____. Educação e mudança. 37ª ed.; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

HOLLIDAY, Oscar Jara. Para sistematizar experiências. 1. Ed. Brasília. (Universidade Federal da

Bioeconomia:
DIVERSIDADE E RIQUEZA PARA O
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

SALÃO DO UNIJUI 2019
CONHECIMENTO



21 a 24 de outubro de 2019

XXVII Seminário de Iniciação Científica
XXIV Jornada de Pesquisa
XX Jornada de Extensão
IX Seminário de Inovação e Tecnologia

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

Paraíba), 2006.

RODRIGUES, Anelise; LUFT, Hedi Maria. Pedagogia Humanizadora: Um olhar diferenciado. In: Simpósio Nacional de Educação, 10., 2018, Frederico Westphalen, RS. Anais... Frederico Westphalen: URI, 2018.

[1] Nome fictício atribuído a criança para preservar a sua imagem.